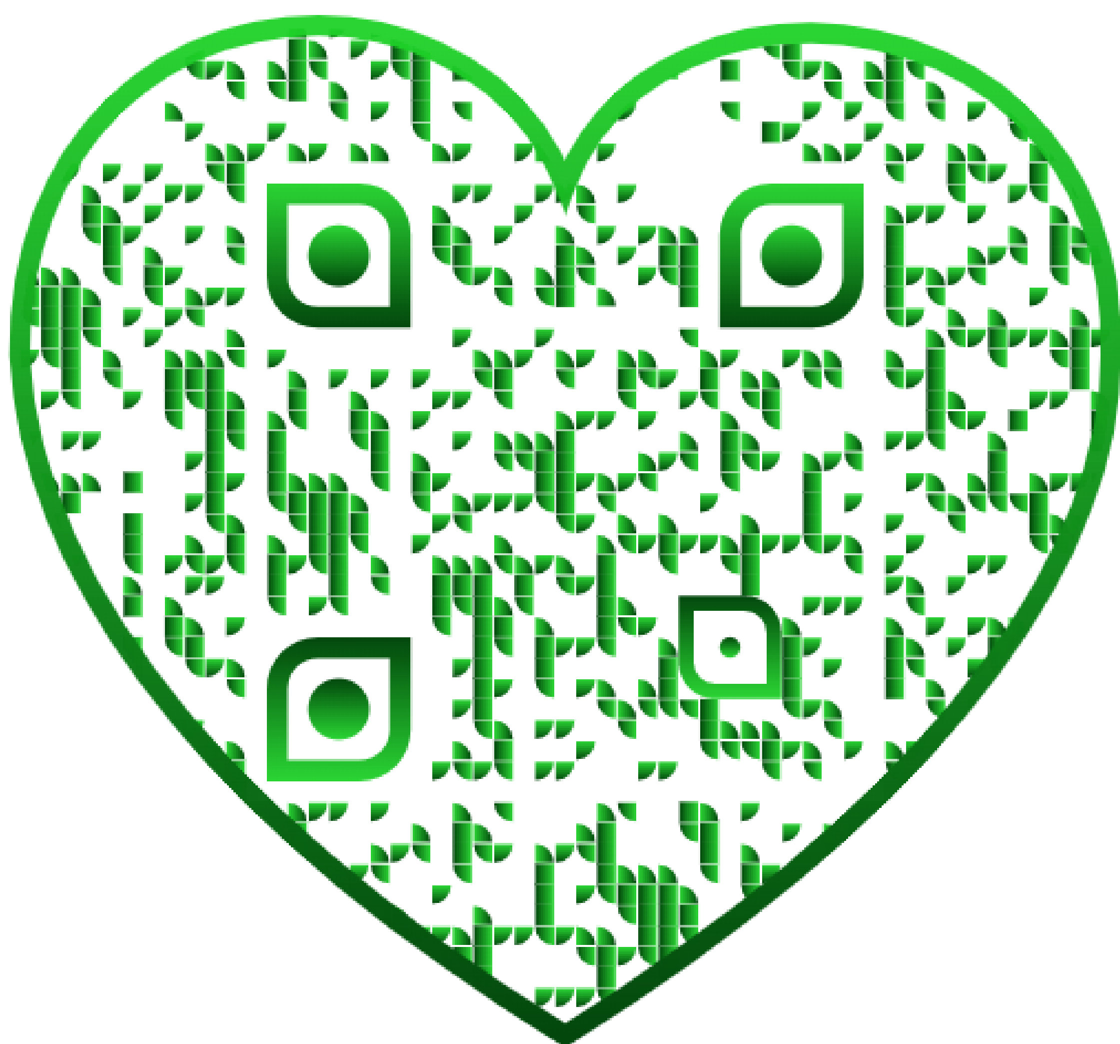
SESI-SP editora

Bianca Santana

QUANDO ME DESCOBRI NEGRA

Mateu Velasco ilustração

Scanned by CamScanner



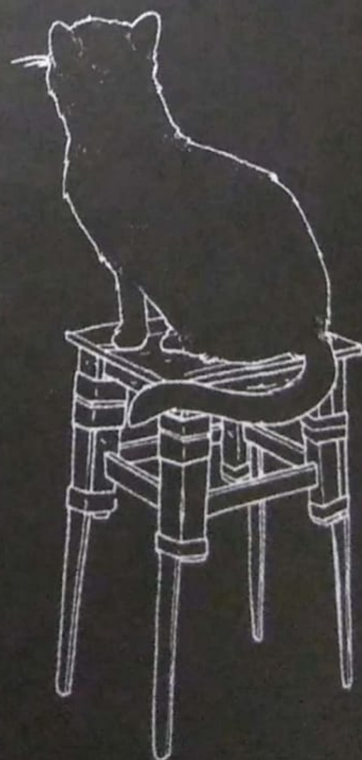


Scanned by CamScanner



Scanned by CamScanner





Scanned by CamScanner

QUANDO ME DESCOBRI NEGRA

Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez. Antes, era morena. Minha cor era praticamente travessura do sol. Era morena para as professoras do colégio católico, para os coleguinhas – que talvez não tomassem tanto sol – e para toda a família que nunca gostou do assunto. "Mas a vó não é descendente de escravos?", eu insistia em perguntar. "E de índio e português também", era o máximo que respondiam. Eu até achava bonito ser tão brasileira. Talvez por isso aceitasse o fim da conversa.

Em agosto de 2004, quando fui fazer uma reportagem na Câmara Municipal, passei pela rua Riachuelo, onde vi a placa "Educafro". Já tinha ouvido falar sobre o cursinho comunitário, mas não conhecia muito bem a proposta. Entrei. O coordenador pedagógico

Scanned by CamScanner

me explicou a metodologia de ensino com a cumplicidade de quem olha um parente próximo. Quando me ofereci para dar aulas, seus olhos brilharam. Ouvi que, como a maioria dos professores eram brancos, eu seria uma boa referência para os estudantes negros. Eles veriam em mim, estudante da Universidade de São Paulo e da Faculdade Cásper Líbero, que há espaço para o negro em boas faculdades.

Saí sem entender muito bem o que tinha ouvido. Fui até a Câmara dos Vereadores, fiz a entrevista e segui minha rotina. Comecei a reparar que nos lugares que frequento as pessoas também não tomam tanto sol. O professor do Educafro toma. Será por isso que ele me tratou com tanta cumplicidade?

Pensei muito e por muito tempo. Não identifiquei nada de africano nos costumes da minha família. Concluí que a ascensão social tinha clareado nossa identidade. Óbvio que somos negros. Se nossa pele

Scanned by CamScanner

não é tão escura, nossos traços e cabelos revelam nossa etnia. Minha mãe, economista, funcionária de uma grande empresa, foi branqueada como os mulatos que no século XIX passavam pó de arroz no rosto porque os clubes não aceitavam negros.

Eu fui branqueada em casa, na escola, no cursinho e na universidade. É como disse Francisco Weffort: o branqueamento apaga as glórias dos negros, a memória dos líderes que poderiam sugerir caminhos diferentes daquele da humilhação cotidiana, especialmente para os pobres. Ainda em busca de identidade, afirmo com alegria que sou negra há dez anos. E agradeço ao professor do Educafro que pela primeira vez, em 21 anos, fez o convite para a reflexão profunda sobre minhas origens.

•

Scanned by CamScanner

SAUDADE DO QUE PODERIA TER VIVIDO

"Perder o pai já é uma tragédia
Perdê-lo na infância é sentir saudade
Não do que viveu, mas do que poderia ter vivido"

"Crisântemo", Emicida e Dona Jacira

Meu pai sempre me deixou provar a espuma da cerveja. Era muito amado e respeitado por onde passava. E levava uma vida que anunciava como acabaria: mal. Ele era bicheiro, daqueles com corrente de ouro e camisa colorida que costumava ter em novela. Eu sabia que era ilegal. E rezava muito cada vez que passava na frente de um presídio ou via um carro de polícia. Pelos presos, mas principalmente pelas filhas dos presos. Na minha fantasia, mais

Scanned by CamScanner

cedo ou mais tarde meu pai estaria na cadeia. Até que, por um milagre, ele saiu do jogo do bicho e abriu um bar.

O dinheiro acabou. A segunda esposa foi embora com o filho mais novo. Ele foi encolhendo os ombros, retraindo o peito e ficando cada vez mais quieto. Num domingo, fui visitá-lo e ele não abriu a porta. Abusada, pulei a janela, e percebi que ele fumava um cigarro, já no final. Ele não estava dormindo. Não abriu a porta porque não quis. Percebi a tristeza, mas me sentia feliz porque a vida agora era honesta.

No dia seguinte, enquanto eu fazia lição de geografia, o telefone tocou, mas minha tia não quis falar comigo. Nervosa, pediu para chamar minha mãe. Eu sabia o que tinha acontecido. Sabia que ele tinha morrido. Depois que minha mãe bateu o punho na mesa e deu um grito de fúria, foi pra lon-

ge de mim, falar com minha avó e meu tio. Depois, me chamou no quarto e contou.

Por 17 anos tive muita raiva. Lembrava-me de um homem ausente, irresponsável, pouco comprometido com qualquer coisa. Evitava lembrar, na verdade. Depois que meu pai se suicidou, construí as piores memórias. Como ele podia ter me abandonado? Como não pensou em mim antes de puxar o gatilho? Não era possível que ele me amasse. Ele não era um pai de verdade.

Precisei de uns 15 anos, muitas leituras, terapia e sofrimento para entender que a morte do meu pai não tinha a ver comigo. Que o suicídio dele não era falta de amor por mim. Que a história de vida daquele homem inteligente, articulado e ambicioso era a mesma de muitos jovens pobres. Que contar a minha história era também um ato político.

Scanned by CamScanner

Precisei de 17 anos para acessar outras memórias do meu pai. Para lembrar de quando me ajudou a decorar as capitais do Brasil, de como ele falava que o meu cabelo era lindo, de como o abraço dele era único e me fazia sentir segura. Só depois de reencontrar esse pai amoroso consegui chorar a minha dor que é a de tantas pessoas. Uma dor de injustiça. Uma dor de saudade.

•



Scanned by CamScanner

O RACISMO NOSSO DE CADA DIA ESCANCARADO NO MEU CABELO

Solto e acho bonito. Volto ao espelho e coloco uma faixa. Um pouco mais de tempo e recorro aos grampinhos. "Esse jeito de prender tem uma coisa de negritude, mas ainda é preso", falei na terapia. Na mesma semana, li um texto sob o título "Minha filha tem o cabelo muito crespo. A partir de qual idade posso alisá-lo?". Ah, as sincronicidades da vida...

Passei anos ouvindo propostas de cabeleireiros para "arrumar" meu cabelo. Arrumar significa alisar ou, no mínimo, "relaxar as ondas". Minha avó, vítima e algoz do mesmo racismo, prendia o cabelo beeeem puxado pra trás.

E de tanto puxar e puxar o cabelo num rabo de cavalo, nunca tive coragem de soltar o crespo em

Scanned by CamScanner

público. Até que nasceu em mim o desejo de assumir meu cabelo como uma marca de identidade. Encontrei o Marco Antônio, cabeleireiro incrível, que cortou um *black*. Detestei! Então, ele me ensinou a fazer uns rolinhos, prendendo o cabelo com grampos como se fosse uma tiara, até eu me acostumar com o volume. Nove anos depois ainda não me acostumei. Continuo fazendo os rolinhos diariamente. Diariamente, não! Nesses anos, soltei umas três ou quatro vezes.

Com o *black* liberado, sinto um calor insuportável, não me reconheço com o volume ao redor do rosto e fico desesperada pra prender o cabelo. Desesperada mesmo, não é força de expressão! Começo a suar, sentir taquicardia e uma vontade incontrolável de prender o cabelo. Aí prendo; sinto os músculos relaxarem e um conforto no peito.

Grávida pela terceira vez, imaginava uma menina pretinha, com o cabelo bem crespinho pra eu soltar e enfeitar com flores coloridas. Mas a vida

Scanned by CamScanner

me presenteou com uma menina bem branquinha, de olho azul e uma careca de pelugem fininha... Os filhos não nascem mesmo pra dar conta dos desafios dos pais. Minha questão com o meu cabelo é obviamente minha. Mas também é de todos nós, brasileiros, que assumimos o liso e o loiro como padrão de beleza.

Em 2011, esperava um voo em Paris quando puxei papo com uma portuguesa. Ela ficou muito surpresa porque eu falava a língua dela. "É a minha língua também, sou brasileira", anunciei. "Mas como? Com esses cabelos crespos? Toda brasileira tem cabelo liso!" Reparei no mar de mulheres que esperava os voos pra São Paulo e pro Rio. A portuguesa tinha razão.

Scanned by CamScanner



Scanned by CamScanner

NEM TODO LUGAR É DE PRETO

No ano passado, participei de um debate sobre reforma política. Uma jovem negra, preocupada em levar o debate à maior parte da população, perguntou como a campanha estava sendo feita na periferia. Ela não mora na periferia e foi muito assertiva na pergunta. Outra participante, tentando ser solidária, perguntou em que bairro a jovem negra morava. Se a preocupação com a periferia tivesse vindo de uma pessoa branca, ela não teria sido mal interpretada. Esse racismo sutil, implícito e difuso é o mais comum. Afinal, pode ser uma simples confusão de quem sentiu o racismo! Ou um protocolo de segurança, mero procedimento. Mas ele acontece todos os dias. Fere. Machuca. E reafirma, com crueldade, que nem todo lugar é lugar

Scanned by CamScanner

de preto, principalmente se sua aparência não for "aceitável". Imagino que cabelo alisado e roupas de grife atenuem a abordagem racista. Com meu cabelo crespo e as roupas de que gosto, todos os dias sou lembrada de que bairro central, casa grande, cafés e restaurantes de classe média e ser professora universitária não são pra mim.

•

Scanned by CamScanner

QUE CORAJOSA POR VIR COM ESSE TURBANTE!

Sou negra, mulher, de origem pobre. E, se essas palavras não são suficientes para me definir – afinal, que etiquetas dão conta do que é uma pessoa? –, elas ajudam a me situar em um contexto social, histórico e político. Confesso que nunca tive conflitos em relação à minha origem pobre, que sempre comuniquei com orgulho, mas levei muitos anos para me reconhecer como negra e como mulher.

Descobrir-me negra foi um processo. Descobrir-me mulher é uma jornada que se iniciou com a maternidade e tem sido foco da minha atenção. Se essas descobertas já não são simples, vesti-las, para que qualquer pessoa possa vê-las, é especialmente difícil.

Scanned by CamScanner

Nunca acreditei em características "naturais" de raça, etnia ou gênero. Mas somos seres culturais que expressamos (ou não) características do que é ser negra, mulher ou pobre em uma sociedade, no tempo presente e nas tradições que carregamos. Calça jeans, camiseta branca e nenhum adorno já foram, em mim, a não expressão de características culturais que eu começava a perceber. Hoje, amarrar um turbante grande e colorido no cabelo crespo, e sair com ele por aí, em qualquer lugar, é uma das mais potentes expressões de como me vejo.

Acontece que, há algumas semanas, fui a uma reunião de trabalho, em uma instituição formal, vestindo um turbante laranja. Calça social e sapato pretos, camisa, brinco e maquiagem discretos – como parece ser o *dress code* do lugar – e o pano na cabeça, nada discreto. Há alguns meses, soltar

Scanned by CamScanner

o cabelo crespo era uma questão difícil, mas, naquele dia, bagunçar o cabelo e enfeitá-lo com o tecido vibrante, antes de uma reunião de trabalho, foi natural a ponto de eu sequer questionar se era adequado ou não.

Trabalhei com o mesmo compromisso dos dias de cabelo mais discreto, obviamente. E, ao final de mais uma etapa na construção de um projeto de educação relevante, que atende a necessidades institucionais e recomendações internacionais, fui surpreendida. Ao me despedir da competente e agradável gestora que me contratou como consultora, ouvi que todos no departamento comentavam minha coragem por usar o turbante.

Oi? Coragem? Levei alguns segundos questionando por que seria corajoso usar um turbante. E por que aquelas pessoas sentiram necessidade de falar sobre essa coragem. Além disso, por que

Scanned by CamScanner

aquela mulher, tão sensível e profissional, com quem tenho criado um excelente vínculo de trabalho e tenho vontade de trocar ideias sobre assuntos da vida, me passou aquele recado?

Passei dias refletindo sobre o peso daquela "coragem". Trabalhar em uma grande instituição, usando turbante laranja, é expressar – de forma contundente – minha identidade não só como mulher mas também como negra. E essa autoafirmação não é o que se espera de uma mulher que busca sucesso profissional. Ainda mais quando ela é negra.

No patriarcado, a mulher que quer ser reconhecida pela inteligência e pelo profissionalismo não pode se adornar. Além disso, no senso comum, negra não pode ser consultora, bem remunerada, especialista em um tema específico, com livro publicado e algum reconhecimento. E se uma negra

Scanned by CamScanner

está nessa inusitada situação, o que se espera dela é que, no mínimo, alise ou prenda o cabelo. Com ou sem turbante, mostrar-se diferente é mesmo um ato de coragem.



Scanned by CamScanner



Scanned by CamScanner

"POSSO TE FAZER UM PEDIDO?"

Um sorriso, desses sem mostrar os dentes, seguido do pedido:

– Uma mesa pra dois, por favor.

Um sorriso em resposta, do mesmo tipo:

– Eu não trabalho aqui.

Outro sorriso e outro pedido:

– Você pode levar uma água até aquela mesa, por favor?

A resposta, sem sorriso:

– Eu não trabalho aqui.

O terceiro sorriso, em menos de cinco minutos, com outro pedido:

– Eu preciso de um cardápio.

O desejo de responder aos berros que estou esperando minha amiga sair do banheiro pra sumir

Scanned by CamScanner

daquele café onde quem frequenta é branco e quem trabalha é preto. Mas a resposta cordial, tranquila, a seco:

– Eu não trabalho aqui. Posso te fazer um pedido?

•

Scanned by CamScanner

DESMONTE

Palestra em universidade pública. Com nome e minicurrículo no fôlder de divulgação. Auditório lotado. Melhor preparar logo a apresentação, penso eu. Vou ao computador, o conecto à rede e procuro a página onde postei o arquivo. Uma voz rude interrompe:

– Onde está a Claudete?

– Oi?

– A Claudete! – responde com mais rispidez.

– Eu não sei.

– Como não sabe?

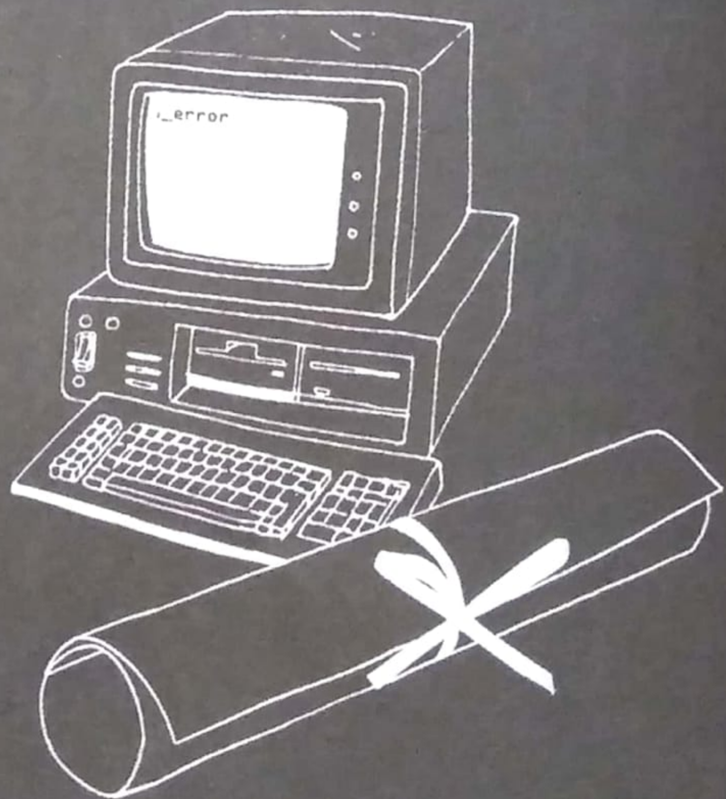
– Eu não sei. Não trabalho aqui.

– Então por que está mexendo no computador? – vem a bronca em forma de pergunta.

Scanned by CamScanner

Diante do olhar assustado, indignado, abaixa o tom, baixa o olhar, procura o nome no fôlder e mostra a vergonha:

– Você é a Bianca Santana?



Scanned by CamScanner

PELO GOSTO, PELA COR E PELO CHEIRO

– Foi você que fez o arroz-doce, não foi?

Sim. Mas como todas sabiam? A mesa estava cheia de pratos preparados pelas mulheres daquele encontro. Lanche comunitário, tão comum e gostoso. Tinha bolo de fubá e de coco, torta de frango e de palmito, sanduíches de berinjela e o arroz-doce.

– Como vocês sabem que esse fui eu? – perguntei.

– Pelo gosto, pela cor e pelo cheiro – uma das mulheres respondeu.

De fato, o branco cremoso do arroz estava marcado por tons de marrom clarinho. Açucarado, com o perfume forte do cravo e da canela. Cor, cheiro e gosto. Como sempre teve a comida da minha casa, desde a infância. O arroz branco da minha avó era amarelo, não branco. O colorau chegava ao olfato

Scanned by CamScanner

como terra molhada e pintava de amarelo o arroz nosso de cada dia.

Cominho, sal, coentro. Alho, salsinha, cebola e pimenta. Comida que dava gosto, com farinha que dava a liga. Talher pra quê? Misturar com a mão, moldando uns bolinhos direto pra boca. Depois ouvi dizer que chamavam esse arroz de capitão. E muito depois descobri que preto da África come muito com a mão. Garfo e faca aprendi a usar adulta. Antes, era só garfo na rotina e mão pra saborear a comida. Só com a mão dá pra sentir o gosto de verdade.

•

Scanned by CamScanner



Scanned by CamScanner